

A Experiência de Traduzir *El Trueno Entre Las Hojas* de Augusto Roa Bastos

BAIER, Karin – UFSC (PIBIC / CNPq)

O intuito da tradução do conto *El Trueno Entre las Hojas* é oportunizar o acesso ao texto e relato breve de Augusto Roa Bastos, justificado pela carência de contos do autor em português do Brasil. A tradução democratiza o acesso à obra de Roa Bastos e pode abrir os horizontes para a ficção tão distante e tão próxima da fronteira, argumentada na visão do imaginário de guerra e da cultura e história paraguaia trazida pelas obras. Ademais, representa uma preocupação do próprio Roa Bastos com uma integração latino-americana demonstrada em carta destinada a esta universidade.

Em texto intitulado *Brasil, la tierra incógnita de la modernidad*, o autor expõe sua preocupação com o tema: “la integración y el crecimiento a través de los valores humanos fundamentales que propicia la cultura y el entretenimiento entre los pueblos.” Ao revisar com Alejandro Maciel uma biblioteca de autores na qual estavam trabalhando, comprovou-se “*con cierta decepción*” que não havia traduções de obras de escritores brasileiros para a língua espanhola ou que as que existiam estavam esgotadas.

Segundo Roa Bastos estas traduções seriam “*los puentes que necesitan los pueblos para transitar el espíritu comunitario y afrentarse de verdad, más allá del mercadeo y las postales de turismo, en el alma colectiva.*” A crítica do autor neste parágrafo vem a ser sobre a importância demasiada destinada ao turismo e comércio, como uma simples troca de interesses econômicos, que não trazem em si a possibilidade de uma aproximação real de conhecimento entre dois países. Através da literatura é que essa real aproximação torna-se possível por trazer consigo um retrato fiel de um país, sua cultura e seu povo. Exemplo atual da falta destes “*puentes*” que citou Roa Bastos, está na questão mais pungente e um dos principais temas do debate eleitoral no Paraguai: a discussão em torno da revisão do Tratado de Itaipu que colocou o Brasil no centro da campanha presidencial deste ano. O assunto foi um dos principais argumentos trazidos por Fernando Lugo, candidato de oposição que liderou quase todas as pesquisas de intenção de voto elegendo-se ao final o novo presidente do Paraguai. Ele trouxe para o centro do debate a antiga reivindicação de aumento no preço que o Paraguai recebe pela energia que vende ao Brasil. De acordo com os termos do tratado a energia gerada pela Itaipú deveria ser dividida igualmente entre os dois sócios, mas o Paraguai só usa cerca de 5% dessa energia sendo o restante vendido ao Brasil a preço de custo. “O Paraguai não pode ser o único país que dá a sua energia a preço de custo”, disse Lugo à BBC Brasil na sede de sua campanha, em

Assunção em março de 2008. "Ninguém dá a sua energia a preço de custo. A Venezuela não dá o seu petróleo a preço de custo, nem o Chile dá o seu cobre, nem a Bolívia dá o seu gás", argumentou. O problema está no descaso demonstrado por representantes brasileiros que pareceram não dar a devida atenção ao caso. Falta interação social entre os dois países.

Mas voltando à tradução do conto, esse contexto social marcado pela assimetria cultural e interculturalidade em um sistema de semi-escravidão que persiste até hoje em muitos de nossos países, é elemento presente no conto *El Trueno Entre las Hojas* (1953). A tradução deste torna-se então a ponte de ligação entre as duas línguas, os dois países e traz consigo uma oportunidade de lançar à luz de olhos brasileiros esta cultura tão próxima e ao mesmo tempo tão desconhecida do universo paraguaio. Além disso, oportuniza o estudo de muitos questionamentos do ponto de vista literário como a questão da fidelidade, da dominação das duas línguas envolvidas no processo, enfim, da tarefa da tradução em si.

O estudo relativo à literatura e a tradução em si, como fonte de divergentes conceitos, resultaram no conto *Trovão Entre Folhas*, tradução, feita por mim, do conto *El Trueno Entre las Hojas* de Roa Bastos do espanhol para o português do Brasil. Também desenvolvi um trabalho onde é possível observar alguns aspectos relativos ao processo tradutório com contribuições de alguns dos fundamentos teóricos da tradução. Além da discussão entre o português e o espanhol, que ocorreu durante a tradução do conto, o contato com expressões na língua guarani exigiu um trabalho paralelo de busca em alguns dicionários bilíngües espanhol - guarani. No decorrer desse processo, a descoberta da existência de uma tradução lusitana, intitulada *O Trovão Entre as Folhas* (1980), trouxe a este trabalho uma análise das diferenças lingüísticas existentes entre o uso da língua portuguesa no Brasil e em Portugal.

A análise de uma tradução geralmente caminha em dois sentidos: o da língua de origem, no caso a língua espanhola, e o da língua a que será traduzido o texto. Esta tradução acrescenta, paralelamente a estes dois sentidos, uma terceira língua que é o português de Portugal. Ainda que teoricamente português do Brasil e português de Portugal sejam iguais em sua gramática, tornam-se bastante distintas em sua usualidade, levando a diferenças que engendrariam equívocos de interpretação em leitores dos dois países.

Para o processo de tradução, foi preciso adotar algumas estratégias referentes a estilo de linguagem, palavras na língua guarani, na língua inglesa ou próprias do espanhol, por exemplo, além da opção de cada palavra entendida como a mais adequada para cada frase em um contexto global do conto. Destas estratégias, foi adotado como melhor opção manter as palavras em guarani no texto do conto e adotar um vocabulário ao final, como fez o autor. Palavras em inglês e as próprias do espanhol, sem correspondente exato que

completaria satisfatoriamente o sentido em português, foram mantidas e constam de notas explicativas.

A opção feita pelo tradutor, para cada palavra, frase ou expressão de um texto deve partir do entendimento que a liberdade e a literariedade devem andar juntas em uma boa tradução, porém sem que a tradução encubra o original. A questão da polissemia e da ambigüidade semântica tão presente na língua portuguesa, por exemplo, podem acabar atrapalhando quando usadas de forma errada, ou exagerada na hora da interpretação de um texto, parte essencial e primeira de uma tradução. Como exemplo prático de uma destas opções, usarei a palavra *pasero* do espanhol que em português se refere à pessoa que faz a travessia de uma balsa em um rio e que neste conto é uma das palavras mais importantes e aparece, por exemplo, na frase “– *Solano Rojas, el pasero ciego.*” (ROA BASTOS, 1953, Pág. 225), com o sentido explicado anteriormente. Se atribuirmos sentido a esta palavra através de buscas em dicionários mono e bilíngües, chegaremos a palavras como balseiro e jangadeiro em português. As duas estão corretas e trazem o mesmo sentido do *pasero* em espanhol. A opção da palavra mais adequada ao texto ficará a critério do tradutor, este é o processo que Arrojo refere em seu texto *A Teoria na Prática* (1986) ao dizer que a tradução envolve um constante processo de tomada de decisões, além de utilização de instrumentos e mecanismos que auxiliam esta atividade.

Durante o processo tradutório e depois comparativo com a tradução lusitana, houve vários casos em que se aplica esta teoria. Primeiramente com a opção da palavra dentro das possibilidades que a língua portuguesa em seu léxico e sintaxe do Brasil apresentava e mais tarde com a tradução português a em mãos para o estudo comparativo. A própria palavra *pasero* usada como exemplo anteriormente, retrata este caso, pois na tradução ao português de Portugal foi adotada a palavra “jangadeiro”, já na tradução feita ao português do Brasil optei por “balseiro”. Em um contexto global do conto, uma “balsa” é o objeto figurativo de duas margens, uma em que se encontra um Solano Rojas velho e cego e na outra um Solano Rojas jovem e na luta contra as injustiças da ganância dos donos do engenho, por isso acredito que a palavra “balseiro” esteja mais carregada de sentido. Também ao adotar a palavra “balsa” para representar o objeto a opção da palavra “jangadeiro” para representar a pessoa que dirige esta balsa me pareceu deslocada, como foi a escolha do autor da tradução lusitana.

Outros pontos de conflitos em algumas passagens das duas traduções, brasileira e portuguesa, estão na sintaxe que cada uma admite e adota em sua usualidade. Um exemplo muito claro está na frase “*Arrojaron su cadáver al río*” (ROA BASTOS, Pág.247, 1953), em que na tradução lusitana aparece como “Atiraram com o cadáver ao rio.”

(*O Trovão Entre as Folhas*, 1980, Pág. 220). Em português do Brasil a construção desta frase nos soaria equivocada, pois a colocação da preposição “com” mudaria o sentido do verbo atirar, mudando de atirar algo para atirar com algo, assim a palavra cadáver mudaria sua função de objeto direto que sofre a ação para quem pratica a ação. Para a tradução brasileira optei por “Atiraram seu cadáver no rio”, pois está sintaticamente mais adequada.

Além das questões léxicas e sintáticas, outras questões, como o estilo de linguagem adotado para as falas dos trabalhadores, a fala do estrangeiro Harry Way e do narrador no conto, divergem nas duas traduções. O autor da tradução lusitana optou por nivelar as falas ao mesmo nível culto, dentro da norma que rege a língua portuguesa. Já na tradução brasileira optei por conservar e adaptar os traços adotados por Roa Bastos para identificar as diferenças de classes sociais e o sotaque do personagem estrangeiro. Para isso tive que identificar algumas alterações próprias das pessoas das camadas mais baixas da sociedade e tentei passar as falas dos trabalhadores do engenho de açúcar a este estilo de linguagem. Já nas falas de Harry Way, que aparecem no original com o sotaque americano bem realçado por Roa Bastos através da troca do “r” pelo “g” e do pronome “eu” por “mim”, adaptei a letra “r” por um “r” que simboliza foneticamente a pronúncia da letra “r” em inglês, também mantive os pronomes como no original.

Um bom exemplo desta diferença entre o estilo eleito pelo tradutor português e por mim está nas falas de Solano:

“– No olviden kená, che ra'y-kuera, que siempre debemo' ayudarno' lo uno a lo' jotro, que siempre debemo' etar unido. El único hermano de verdá que tiene un pobre ko' e' otro pobre. Y junto' todo'nojotro formamo la mano, el puño humilde pero juerte de lo'trabajadore...”

A tradução por mim entendida como mais adequada aos parâmetros do texto de Roa sem destoar da capacidade de entendimento de um leitor brasileiro foi:

“– Não esqueçam ená, che ra'y-kuera, que sempre temo que ajudá uns aos otro, que sempre temo que tá unido. O único irmão de verdade que um pobre tem é o outro pobre. E tudo nós junto dano a mão, o punho humilde mais forte dos trabaiadô...”

A diferença fica visível e exemplifica a questão acima exposta, referente ao nivelamento dado às falas dos personagens na tradução portuguesa:

“– Não se esqueçam, che ra'y-kuera¹, que devemos sempre ajudar-nos uns aos outros, que devemos estar sempre unidos. O único irmão de verdade que um pobre tem é outro pobre. E todos juntos, formamos a mão, o punho humilde mas forte dos trabalhadores...”

Através do processo tradutório de *Trovão Entre Folhas*, concluí primeiramente que cada texto deve ter sua originalidade, tanto o original como a tradução. A questão da fidelidade ao texto original aparece em fatores como a adoção do mesmo estilo de

linguagem e expressões na língua guarani que foram conservadas. Já na opção de palavras e expressões é importante que o texto fale a sua própria língua, ou seja, a tradução nunca corresponderá exatamente ao seu original, não será o eco exato dele, o que seria impossível.

Todavia a prática sempre serve para observar os fundamentos teóricos por um novo ângulo, principalmente ao se tratar de tradução que é um processo de constante tomada de decisões. Por isso meu conceito de tradução parte de que uma nunca será igual a outra, e nenhuma teoria poderá ser completa e última, pois se trata de um processo que depende de fatores alheios a elas, como individualidade, tempo e espaço.

REFERÊNCIAS:

- ARROJO, Rosemary – *Oficina de Tradução*, ed. Ática, São Paulo, 1986.
- ROA BASTOS, Augusto – *El trueno entre las hojas*. 6ª. Ed. Buenos Aires: Losada, 1997.
- _____ - *O Trovão Entre as Folhas*, trad. Alexandre Meireles, ed: Edições 70, 1980.